

## UMA ANÁLISE DA QUALIDADE DOS POSTOS DE TRABALHO NO BRASIL EM 2005 E 2015: DIFERENCIAIS DE SEXO, RAÇA E IDADE<sup>1</sup>

Lucas Pitombeira\*

Ana Hermeto\*

Sibelle Diniz\*

### RESUMO

As modificações no mercado de trabalho global, nas últimas décadas, têm ocasionado processos de precarização, podendo acentuar vulnerabilidades já existentes em países com alto nível de informalidade, como o Brasil. Por outro lado, entre 2005 e 2015, diversas políticas públicas foram implementadas no país de forma a melhorar a qualidade do trabalho, como aumentos reais no salário-mínimo e formalização do trabalho doméstico. O objetivo deste estudo é discutir a qualidade do trabalho no país a partir de uma perspectiva multidimensional, considerando sexo, raça e idade. Utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2005 e 2015, é construído um índice de sobreposição de dimensões de qualidade do trabalho e estimado um *probit* ordenado com correção de seleção amostral. Os resultados apontam que as mulheres têm menor participação no mercado de trabalho que os homens, além de apresentarem menor qualidade de trabalho, enquanto negros apresentam participação semelhante à dos brancos, mas são mais vulneráveis no mercado de trabalho. Jovens apresentam menor qualidade de postos de trabalho dentre os grupos de idade analisados, mas essa característica também é observada para os idosos. Entre os anos estudados, apesar do aumento de participação dos indivíduos com melhor qualidade de trabalho, os aspectos estruturais referentes a sexo, raça e idade permanecem.

**Palavras-chave:** Qualidade dos postos de trabalho; Sexo; Raça; Grupos etários.

### INTRODUÇÃO

A participação no mercado de trabalho é determinante para a qualidade de vida, uma vez que os salários são a principal fonte de renda da maior parte da população. Entretanto, nas décadas recentes, alterações no mercado de trabalho estão culminando em ocupações de baixa qualidade. Horemans (2018) comenta que essas mudanças são profundas, tendo origem em um arcabouço social complexo, como a globalização, as alterações nos processos rotineiros de trabalho devido à automatização e a inserção feminina na força de trabalho no setor de serviços, que é suscetível à precarização. Tais mudanças explicam o baixo rendimento e a menor segurança dos empregos criados nos processos recentes no mercado de trabalho.

---

<sup>1</sup> Esse capítulo é um produto derivado de Pitombeira (2019)

\* Mestre em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais. European Doctoral School of Demography. E-mail: lucasdiogenesp@gmail.com

\* Doutora em Demografia pela Universidade Federal De Minas Gerais. CEDEPLAR/UFMG E-mail: ahermeto@cedeplar.ufmg.br

\* Doutora em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais. CEDEPLAR/UFMG. E-mail: sibelle.diniz@gmail.com

Alguns países periféricos possuem um setor informal hipertrofiado, logo, a falta de segurança dos trabalhadores advém de um processo já existente, e não necessariamente de uma perda de direitos (KALLEBERG, 2009). Com cerca de metade dos indivíduos ocupados na informalidade, o Brasil é um candidato a ter suas condições de trabalho pioradas com os processos citados acima. Entretanto, entre 2005 e 2015 uma série de políticas públicas foram elaboradas para aumentar a qualidade do trabalho no país<sup>2</sup>.

Além disso, alguns grupos populacionais historicamente relacionados à vulnerabilidade social apresentam uma sobrerrepresentação nos postos de trabalho com baixa qualidade. Neste sentido, acredita-se que características de sexo, cor/raça e idade do indivíduo são relevantes para o entendimento da qualidade de trabalho no país.

No que se refere ao sexo, a entrada da mulher no mercado de trabalho no Brasil se deu de forma dual. Enquanto parte foi resultado de uma busca de desenvolvimento e liberdades individuais, outro contingente se dá pela necessidade de complementação de renda – com a falência do sistema de provisão unicamente masculino – especialmente em ocupações manuais e no setor de serviços (MACHADO; HERMETO; WAJNMAN, 2005), esses ligados ao trabalho precário e à informalidade. Esse processo é agravado pela ausência de um estado de bem-estar social de tal forma que essa inserção precária não foi assistida com uma política social que pudesse reverter os impactos no mercado de trabalho (BILAC, 2014).

Soares (2000) comenta que existem fontes distintas de pressões no mercado de trabalho para brancos e negros no país. Para estes, existe uma significativa barreira à entrada em trabalhos não manuais com menor dinamismo econômico, devido à baixa escolaridade. O autor considera também que as mulheres exibem uma maior diferenciação nos rendimentos do trabalho em relação aos homens. Assim, as mulheres negras agregariam a diferenciação por sexo e por raça, estando em pior situação em relação aos demais grupos populacionais.

O envelhecimento populacional é uma transição que ocorre concomitantemente à perda de qualidade de trabalho. Os idosos apresentam maior vulnerabilidade por estarem em ocupações prioritariamente manuais, no setor de serviços e na informalidade, especialmente os que dependem exclusivamente da renda do trabalho (WAJNMAN; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2004). Por sua vez, os jovens apresentam inexperiência e menor estudo formal, resultando em maior preponderância a ocupações precárias (ROCHA,

---

<sup>2</sup> Por exemplo: Emenda Complementar (EC) nº 72 de 2013 (PEC das domésticas), a Lei do Microempreendedor Individual (MEI) 128/2008 e a Lei Complementar Federal 123/2006 (Super Simples), além da política de valorização do salário-mínimo.

2008). O envelhecimento da população se sobrepõe ao processo de redução de qualidade de trabalho, podendo ter efeitos distintos para estes grupos já vulneráveis.

Entende-se que o acúmulo de vulnerabilidades é o mote principal da qualidade dos postos de trabalho. Assim, da mesma forma que gênero e raça tendem a apresentar uma sobreposição nas características de risco quanto à baixa qualidade de trabalho, o processo de precariedade também se dá por um acúmulo de características no mercado de trabalho. Desta forma, a melhor análise é elaborada a partir da discussão de multidimensionalidade, oriunda da discussão de pobreza<sup>3</sup>. Busca-se retirar o foco exclusivo da variável do salário (renda), acrescentando outras variáveis do mercado de trabalho. Este estudo, então, insere-se em um grupo que discorre sobre a multidimensionalidade dentro do mercado de trabalho – e.g. Caetano e Maas (2009) e Huneus et al. (2015).

Este capítulo se divide em 3 seções contando com esta breve introdução. A seguinte apresenta as fontes de dados e o método utilizado, enquanto a última seção apresenta os resultados e elabora uma discussão a partir dele.

## MÉTODOS

Utiliza-se neste trabalho a PNAD do IBGE para os anos de 2005 e 2015. Consideramos apenas os indivíduos com as seguintes características: residentes em áreas urbanas com idade entre 18 e 70 anos completos; com renda do trabalho positiva (ou seja, excluindo trabalhadores para o próprio consumo e/ou sem remuneração); não aposentados; não estudantes; responsáveis pela família, cônjuges ou filhos.

Utiliza-se uma metodologia semelhante à de Caetano e Maas (2009) para a construção do índice de qualidade de posto de trabalho. Inicialmente, foram construídos 4 subíndices binários sobre o mercado de trabalho – Quadro 1. Os subíndices são definidos de modo que, caso o indivíduo não apresente característica de qualidade de trabalho, receba um escore 1. Caso contrário, recebe valor 0. A partir desses subíndices, forma-se o índice principal pela soma simples desses escores, podendo apresentar patamares (ou estratos) entre 0 a 4. Os indivíduos que estão no patamar 4 são os mais vulneráveis no mercado de trabalho, enquanto os que estão no estrato 0 apresentam melhor qualidade de trabalho.

---

<sup>3</sup> Para uma breve discussão sobre pobreza multidimensional recomenda-se Sen (1997).

**QUADRO 1** – Variáveis binárias que compõem o índice de sobreposição de dimensões de qualidade de trabalho

Subíndice	Descrição
Pobreza Monetária	Assume valor 0 para indivíduos com renda do trabalho principal maior que um salário-mínimo (salários-mínimos a preços de 2015). Caso contrário, assume valor 1.
Ausência de Seguridade Social	Composta a partir das variáveis de posição de ocupação e contribuição para previdência social. Assume valor 1 caso o indivíduo tenha um contrato de trabalho informal (excluídos profissionais de ciências e artes) ou não contribua para a previdência social e assume um valor 0 se contribuir para previdência e tiver um contrato formal.
Inestabilidade	Assume valor 1 para menos de um ano no atual posto de trabalho e 0 para mais de um ano no atual posto de trabalho.
Jornada de Trabalho Reduzida Involuntariamente	Composta a partir das variáveis de horas trabalhadas na semana e se procurou trabalho naquela semana. Assume valor 1, caso apresente menos de 20 horas trabalhadas semanais ou entre 20 e 30 horas semanais e tenha procurado trabalho na semana de referência. Assume valor 0, caso declare 30 a 98 horas de trabalho semanais ou entre 20 e 30 horas semanais e não tenha procurado trabalho na semana de referência.

Fonte: Elaboração própria.

A análise econométrica busca capturar a estrutura de sobreposição do índice para a qualidade de trabalho. Escolhe-se o modelo *probit* ordenado para a análise de uma variável conceitual representada por uma outra ranqueada. Entretanto, dado o estudo ser restrito ao mercado de trabalho, as variáveis observadas são referentes aos indivíduos ocupados. Isto posto, o processo de seleção para o mercado de trabalho acontece concomitantemente à análise da qualidade de trabalho. Se o processo de seleção for desconsiderado, a estimação do *probit* ordenado poderá incorrer em um problema de seleção amostral com estimações inconsistentes.

O modelo utilizado é o *probit* ordenado com correção para seleção amostral, estimado simultaneamente por duas etapas pelo método de máxima verossimilhança: uma para a seleção no mercado de trabalho e outra para a estimação do *probit* ordenado (LUCA; PERROTI, 2011). A variável dependente do modelo é o índice elaborado a partir da sobreposição de características de qualidade de trabalho, enquanto as covariáveis são divididas em três grupos. O primeiro grupo contém variáveis individuais: sexo, cor/raça, grupos de idade e grupos de anos de estudo. O segundo grupo inclui variáveis que indicam uma associação entre os indivíduos e seus arranjos familiares: posição na família, tipo de família, presença de família(s) convivente(s) e número de filhos menores de 15 anos. O último grupo é composto pelas variáveis locais: macrorregião de residência, residência em área metropolitana e migração intermunicipal a mais de 10 anos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

São apresentados os resultados do modelo econométrico para as três características sociodemográficas selecionadas – sexo, cor/raça e grupos de idade. A Tabela 1 exibe os resultados para a etapa de seleção, enquanto a tabela 2 apresenta os resultados para a estimação do *probit* ordenado.

**TABELA 1** – Coeficientes da participação no mercado de trabalho, a partir de um modelo *probit* binário – Resultados para Sexo, Cor/Raça e Grupos Etários

Variáveis	2005	2015
Sexo	0,911*	0,814*
	-0,01	-0,011
Cor/Raça	-0,013***	-0,016
	-0,009	-0,009
<i>Grupos Etários</i>		
20-24	0,286*	0,270*
	-0,026	-0,023
25-29	0,458*	0,444*
	-0,026	-0,023
30-34	0,556*	0,566*
	-0,026	-0,024
35-39	0,613*	0,637*
	-0,026	-0,024
40-44	0,595*	0,571*
	-0,027	-0,025
45-49	0,499*	0,439*
	-0,027	-0,025
50-54	0,414*	0,301*
	-0,028	-0,027
55-59	0,231*	0,081*
	-0,029	-0,028
60-64	-0,090*	-0,261*
	-0,031	-0,032
65-69	-0,560*	-0,764*
	-0,037	-0,041
70	-1,008*	-1,013*
	-0,097	-0,097

Fonte: Elaboração do autor a partir das PNADS 2005 e 2015.

Nota: \* p-valor < 0,01 \*\* p-valor < 0,05 \*\*\* p-valor < 0,10

Nota: Categoria bases - Mulher, Negros (pretos e pardos) e 18-19 anos.

Os resultados para diferenças entre os sexos apontam uma maior probabilidade masculina para os selecionados. Entretanto, entre os dois anos se observa um decréscimo da magnitude observada. O modelo entra em consonância com os resultados observados na literatura (MACHADO; HERMETO; WAJNMAN, 2005) que discorrem sobre o aumento da participação feminina no mercado de trabalho do Brasil.

Para a cor/raça, entretanto, os resultados apresentam um baixo grau de associação com a participação no mercado de trabalho em 2005 e nenhuma diferença estatística na covariável em 2015. Assim, demonstra-se que a participação dos negros no mercado de trabalho é semelhante à dos brancos.

Nos grupos de idade, exhibe-se uma tendência de indivíduos aumentarem sua taxa de ocupação até o grupo etário de 60-64 anos que funciona como ponto de inflexão. A partir deste momento, as magnitudes decaem. Acredita-se que este decaimento esteja associado ao aspecto do envelhecimento na diminuição de contratação e ao processo de saída do mercado de trabalho.

**TABELA 2** – Estimativas de sexo, cor/raça e grupos etários pelo modelo *probit* ordenado com correção de seleção para o índice de sobreposição de dimensões

Variáveis	2005	2015
Sexo	-0,314*	-0,233*
	-0,012	-0,009
Cor/Raça	-0,116*	-0,072*
	-0,008	-0,009
<i>Grupos Etários</i>		
20-24	-0,116*	-0,320*
	-0,024	-0,029
25-29	-0,576*	-0,458*
	-0,025	-0,029
30-34	-0,683*	-0,491*
	-0,025	-0,029
35-39	-0,718*	-0,572*
	-0,025	-0,029
40-44	-0,717*	-0,583*
	-0,026	-0,029
45-49	-0,757*	-0,592*
	-0,026	-0,029
50-54	-0,727*	-0,589*
	-0,027	-0,03
55-59	-0,689*	-0,553*
	-0,029	-0,031
60-64	-0,626*	-0,443*
	-0,034	-0,034
65-69	-0,631*	-0,352*
	-0,052	-0,047
70	-0,412*	-0,462*
	-0,151	-0,173
Ponto de Corte 1	-1,679*	-1,396*
	-0,033	-0,036
Ponto de Corte 2	-0,727*	-0,412*
	-0,032	-0,035
Ponto de Corte 3	0,101*	0,290*
	-0,032	-0,035
Ponto de Corte 4	1,152*	1,165*
	-0,032	-0,036
Número de Observações não censuradas	112,278	106,553
Número de Observações censuradas	47071	43893
Pseudologlikelihood	-9,69	-1,11
Wald global	14066,23	9820,79
Wald independências das equações	145,39	153,8
rho	0,1778	0,1502

**Fonte:** Elaboração dos autores a partir das PNADS 2005 e 2015.  
Categorias bases - Mulher, Negros (pretos e pardos) e 18-19.

O teste de Wald sobre a dependência das equações do *probit* ordenado e do modelo de seleção rejeita a hipótese nula de independência de equações. Além disso, os resíduos das duas estimações apresentam correlações diferentes de 0 – 0,1778 e 0,1502 para 2005 e 2015, respectivamente. Assim, os resultados são congruentes quanto à necessidade da correção de seleção. Os pontos de corte do modelo são todos estatisticamente significantes a 1%.

Com relação à variável sexo, percebe-se que as mulheres têm menor participação no mercado de trabalho e apresentam uma tendência maior ao trabalho precário, tomando em conjunto as tabelas 1 e 2. Acredita-se que a preponderância de rendas menores em ocupações femininas no trabalho formal no Brasil e a maior precariedade destas ocupações reverberam em todas as dimensões do indicador.

As diferenças dos coeficientes da precariedade no mercado de trabalho são pequenas nos dois anos (-0,116 e -0,072) quanto à covariável de cor/raça. Com a análise das tabelas 1 e 2, observa-se que controlando pelas demais características individuais, familiares e regionais, as diferenças raciais na qualidade de trabalho permanecem – enquanto a participação dos negros é semelhante à dos brancos. Ressalta-se, dessa forma, a permanência da estrutura encontrada, apesar da melhora absoluta para os negros.

Todos os grupos etários apresentam direção contrária à precariedade de trabalho em comparação à categoria base de indivíduos com 18-19 anos. Adicionalmente, os indivíduos com 20-24 anos apresentam a segunda menor magnitude (-0,116 e -0,320). É notável que, vis-à-vis os trabalhadores mais jovens, quanto maior a idade do indivíduo, menos os indivíduos se relacionam com a precariedade. Entretanto, a partir do grupo com indivíduos com idades entre 45-49 anos (magnitudes de -0,757 e -0,592), os resultados tendem a decrescer até o último grupo, com 70 anos (-0,412 e -0,462), sendo o menor dos analisados, excetuando-se os grupos de trabalhadores mais jovens já citados. Desta forma, identifica-se a preponderância dos trabalhadores jovens e uma tendência de maior precariedade para trabalhadores mais velhos. Em 2015, a estrutura dos resultados expostos para 2005 permanece. Destaca-se que existe uma magnitude menor dos coeficientes para trabalhadores em 2015 que em 2005 para os trabalhadores em todos os grupos etários, excetuando-se o segundo grupo mais jovem (20-24). Adicionalmente, a diferença entre o grupo base e os grupos etários para trabalhadores com 60-64 e 65-69 reduz de forma acentuada entre os anos.

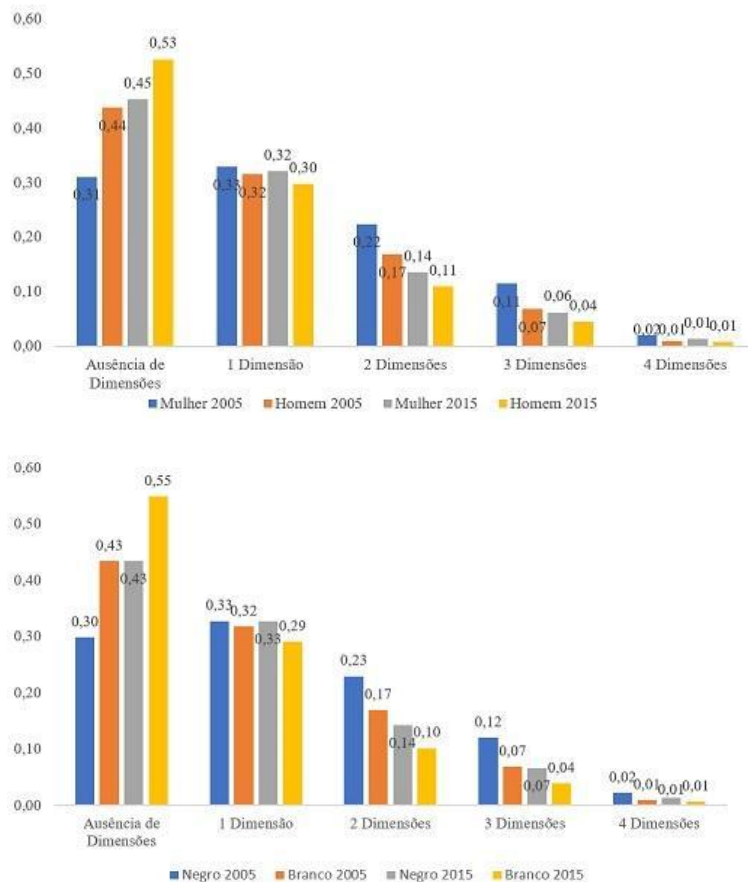
A partir do modelo estimado situa-se a interpretação das probabilidades preditas. O gráfico 1 apresenta os resultados das probabilidades preditas para sexo e cor/raça por patamar do índice de sobreposição de características nos anos analisados. Apresenta-se uma redução da diferença por sexo em todos os patamares de mercado de trabalho, com exceção do primeiro – que apresenta uma redução maior para os homens. Entretanto, ressalta-se que a diferença das probabilidades no patamar de ausência de dimensões de baixa qualidade de postos de trabalho permanece alta. O gráfico sinaliza que a probabilidade feminina no patamar de ausência de dimensões é inferior à masculina (0,45 e 0,53), apesar da redução entre os anos.

Esta permanência da diferença entre probabilidades no patamar de ausência de dimensões e de uma dimensão pode ser causada pela manutenção de processos de inserção feminina no mercado de trabalho em ocupações com menor qualidade de trabalho – como serviços ou no setor de cuidados. Conjectura-se que a acumulação do trabalho doméstico não remunerado e a necessidade de um trabalho pressupõe que as mulheres são mais vulneráveis a piores condições de trabalho pela combinação de necessidade da renda e menor tempo disponível. Assim, por exemplo, mães solteiras seriam sobrerrepresentadas em postos de trabalho com baixa qualidade. Desta forma, apesar de haver uma melhora da desigualdade entre sexos no período analisado, especialmente quanto aos patamares com maior acúmulo de características, a estrutura sexual do trabalho permanece a mesma – com as mulheres em ocupações de menor qualidade.

O comportamento dos dois primeiros patamares de dimensões para cor/raça é semelhante ao encontrado para sexo. Entretanto, a diferença entre probabilidades de negros e brancos nestes patamares são mais acentuadas. Acredita-se que esta semelhança e a acentuação do padrão reafirmem os resultados quanto à manutenção da estrutura sexual e racial da qualidade de trabalho, refletida por processos históricos dos dois grupos. Como discutido por Soares (2000), a forma de discriminação dos negros e mulheres são distintas. Assim, entende-se que existe um caráter de sobreposição de vulnerabilidades a partir das características raciais, afetando as mulheres negras sobremaneira.



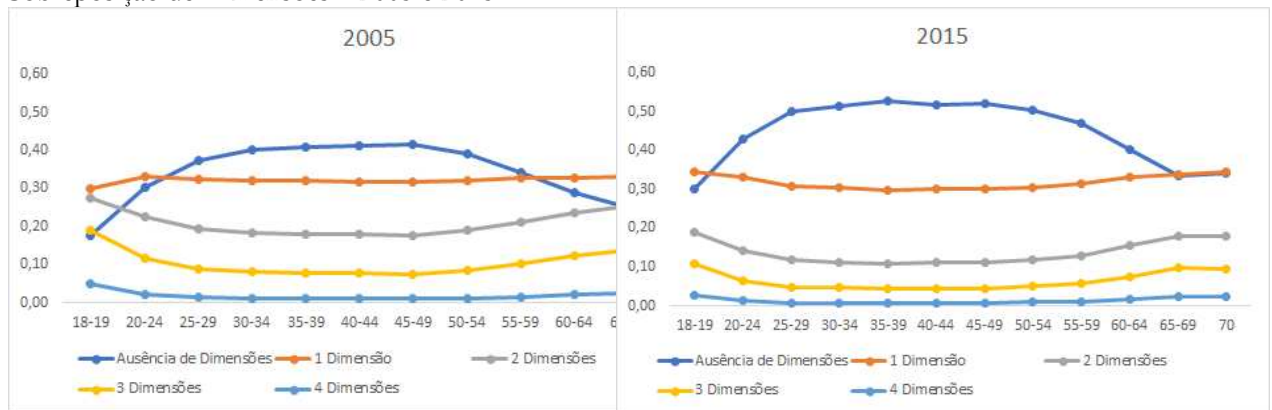
**GRÁFICO 1** – Probabilidades Preditas para Sexo e Cor/Raça por Patamar do Índice de Sobreposição de Dimensões – 2005 e 2015



Fonte: Elaboração própria a partir de microdados da PNAD 2005 e 2015.

As probabilidades previstas para grupos etários se alteram entre 2005 e 2015, como mostrado no Gráfico 2. Ressalta-se o formato de U invertido para maior qualidade de trabalho, apresentando menor probabilidade para jovens e idosos. Nota-se a maior inclinação nos grupos mais jovens e a inclinação mais suave nos grupos de idade mais elevada, em 2005 e 2015, para o patamar de ausência de dimensões. As outras dimensões apresentam um comportamento de U, exemplificando a maior probabilidade dos grupos de idade mais jovens e mais velhos para qualquer dimensão de precariedade. Da mesma forma que ocorre para a ausência de dimensões, um processo simétrico acontece aos grupos de idade mais jovens e mais idosos com a inclinação. Acredita-se que a menor frequência do último grupo de idade, somente 70 anos, altere o padrão de crescimento da curva.

**GRÁFICO 2** – Probabilidades Preditas para Grupos de Idade por Patamar do Índice de Sobreposição de Dimensões – 2005 e 2015



Fonte: Elaboração própria a partir de microdados da PNAD 2005 e 2015.

As inclinações mais elevadas nos grupos mais jovens podem estar associadas aos indivíduos que não estudam e trabalham, mesmo em uma idade que poderiam estar estudando. Assim, acredita-se que a manutenção destas inclinações se deva a um ingresso precoce no mercado de trabalho precário por necessidade de complementação de renda, estando, possivelmente, em famílias mais pobres. Supõe-se que o aumento de estruturas familiares com maior número de dependentes possa afetar a necessidade de os jovens procurarem esse complemento de renda – novamente, mães solteiras. Desta forma, estes jovens no início de suas carreiras não possuem experiência ou anos de estudo suficientes, sendo empregados em postos de trabalho com maior preponderância das vulnerabilidades de trabalho.

Por sua vez, o aumento da probabilidade predita nos grupos mais idosos pode se dever à permanência no trabalho por mais tempo – sem se aposentar – por indivíduos que não tenham contribuído para a previdência social ou que sofreram reduções significativas em sua remuneração caso se aposentassem. Adicionalmente, conjectura-se que uma possível obsolescência das habilidades dos trabalhadores dos grupos de idade mais elevada poderia aumentar a participação em ocupações mais precárias. Com o envelhecimento populacional ainda em curso e um processo internacional de precarização do trabalho concomitante – especialmente o aumento do tempo de contribuição para aposentadoria – pondera-se, por fim, sobre um incremento desses trabalhadores com menor qualidade dos postos de trabalho no futuro.

Dentre os resultados discutidos, ressaltam-se especialmente dois aspectos. Os resultados para mulheres e negros que indicam a persistência de desigualdades históricas e a possível sobreposição entre os dois grupos. Adicionalmente, os grupos de idade de jovens e

trabalhadores mais idosos estão associados a pior qualidade nos postos de trabalho em ambos os anos.

Acredita-se que a estrutura do mercado de trabalho brasileiro entre 2005 e 2015 permaneça a mesma, apesar das políticas públicas adotadas no período. Conjectura-se que, em virtude deste comportamento, choques ao mercado de trabalho – por exemplo, a crise sanitária relacionada à doença COVID-19 ou crises econômicas – tornem os trabalhadores com postos de trabalho com menor qualidade de trabalho ainda mais vulneráveis. Ressalta-se ainda que esses processos acontecem concomitantemente aos processos endógenos ao mercado de trabalho contemporâneo – polarização, flexibilização e globalização – e existe o potencial de seus efeitos se acumularem.

Por outro lado, os grupos identificados com maior precariedade nos postos de trabalho são impactados sobremaneira pelo aprofundamento das alterações nas variáveis demográficas. O envelhecimento populacional pode aumentar o contingente de trabalhadores mais velhos que estão relativamente mais associados ao trabalho precário. Conjuntamente a este processo, o aumento da expectativa de vida suscita discussões sobre a necessidade de aumento do tempo de trabalho de forma a suplantar pressões fiscais causadas pelo aumento dos gastos com aposentadoria. Desta forma, o tempo em ocupações precárias por parte de trabalhadores idosos pode aumentar e reforçar a estrutura precária do mercado de trabalho brasileiro.

O aprofundamento da inserção feminina no mercado de trabalho em aspectos precários – fatores apresentados em Machado; Hermeto e Wajnman (2005) – ocorre simultaneamente ao aumento dos tipos de estrutura familiar e do aumento feminino como principal provedor (BILAC, 2014). Esses processos combinados reforçam a vulnerabilidade feminina no mercado de trabalho e que repercute no ambiente familiar e expõem a divisão sexual do trabalho – sobreposta ainda pela característica racial.

Desta forma, as diferentes sobreposições de precariedade dos indivíduos que apresentam menor qualidade dos postos de trabalho expõem a complexidade de implementação de políticas sociais que combatam este processo. Uma forma de atuação específica, por exemplo, seria uma ampliação do sistema de creches que impactaria sobremaneira as mulheres em ocupações com menor qualidade dos postos de trabalho, especialmente as mulheres negras por terem maior sobreposição de vulnerabilidades. Por outro lado, a qualidade do trabalho brasileiro é impactada em diversas frentes, podendo ser necessária uma política transversal visando mitigar os impactos da precariedade em todos os grupos sociodemográficos.

**REFERÊNCIAS**

- BILAC, E. Trabalho e família: articulações possíveis. **Tempo Social**, São Paulo, SP, v. 26, n. 1, p. 129–145, 2014.
- CAETANO, A.; MAAS, L. **Entre a família e o trabalho: uma análise da qualidade da inserção ocupacional no Brasil urbano sob uma perspectiva de gênero, 1996-2006**. Belo Horizonte, MG: CEDEPLAR, 2009. (Textos para Discussão, n. 374).
- HOREMANS, J. Atypical employment and in-work poverty. In: LOHMANN, H.; MARX, I. **Handbook on in-work poverty**. Chetelham: Edward Elgar, 2018. p. 146-170.
- HUNEEUS, F. et al. A multidimensional employment quality index for Brazil, 2002-11. **International Labour Review**, UK, v. 154, n. 2, p. 195-226, 2015.
- KALLEBERG, A. O crescimento do trabalho precário: um desafio global. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, SP, v. 24, n. 69, p. 21-30, 2009.
- LUCA, G.; PEROTTI, V. Estimation of ordered response models with sample selection. **The Stata Journal**, US, n. 2, p. 213-239, 2011.
- MACHADO, A. F.; HERMETO, A.; WAJNMAN, S. Sexo frágil? Evidências sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro. **Coletânea Gelre**, v. 1, n. 3, p. 26-32, 2005. (Série Estudos do Trabalho).
- PITOMBEIRA, L. **Uma perspectiva multidimensional para a pobreza no mercado de trabalho brasileiro em 2005 e 2015**. 2019. 90f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2019.
- ROCHA, S. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. **Caderno CRH**, Salvador, BA, v. 21, n. 54, p. 533-550, 2008.
- SEN, A. Distinguished guest lecture from income inequality to economic inequality. **Southern Economic Journal**, US, v. 64, n. 2, p. 383-401, 1997.
- SOARES, S. **O perfil da discriminação no Mercado de Trabalho – Homens negros, mulheres brancas e mulheres negras**. Brasília, DF: IPEA, 2000. (Textos para Discussão, n. 769).
- WAJNMAN, S., OLIVEIRA, A. M. H. C.; OLIVEIRA, E. D. Os idosos no mercado de trabalho: tendências e consequências. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2004. p. 453-480.